

A luta de mulheres negras na literatura e na sociedade

The struggle of black women in literature and society

Bianca Santana

Doutora em Ciência da Informação pela USP. Diretora da Casa Sueli Carneiro

Resumo: A equipe da Revista Mundo Livre entrevistou Bianca Santana de modo assíncrono e síncrono durante o mês de novembro de 2023. A entrevista concedida pela escritora destaca a interseção entre escrita, feminismo negro e luta antirracista. Santana discute o poder da escrita como uma ferramenta para combater o racismo, destacando a importância de narrativas diversas e autênticas. Ela enfatiza a necessidade de ampliar as vozes das mulheres negras na literatura e na sociedade, desafiando estereótipos e promovendo uma representação mais justa e inclusiva. Sua entrevista oferece *insights* valiosos sobre como a escrita pode ser usada como uma ferramenta poderosa para promover a justiça social e o ativismo antirracista, destacando a urgência de criar espaços para fortalecer e valorizar as perspectivas de pessoas negras.

Palavras-chave: Escrita. Literatura e sociedade. Luta antirracista. Mulheres negras.

Abstract: The Revista Mundo Livre interviewed Bianca Santana asynchronously and synchronously during November 2023. The interview granted by the writer highlights the intersection between writing, Black feminism, and the antiracist struggle. Santana discusses the power of writing as a tool to combat racism, emphasizing the importance of diverse and authentic narratives. She underscores the need to amplify the voices of Black women in literature and society, challenging stereotypes and promoting a fairer and more inclusive representation. Her interview offers valuable insights into how writing can be used as a powerful tool to promote social justice and antiracist activism, highlighting the urgency of creating spaces to strengthen and value the perspectives of Black individuals.

Keywords: Antiracist Struggle. Black Woman. Literature and society. Writing



Bianca Maria Santana de Brito, mais conhecida como Bianca Santana, é graduada em Jornalismo pela Faculdade Cásper Líbero, é mestre em Educação e doutora em Ciência da Informação pela Universidade de São Paulo (USP). Ela recebeu o Prêmio Tese Destaque USP por seu trabalho que abordou a memória e a resistência ao racismo na escrita de si de mulheres negras. Bianca Santana é diretora executiva da Casa Sueli Carneiro, que é um espaço de memória, formação e ativismo negro fundamentado no legado ativista e intelectual de Sueli Carneiro. Bianca é professora na graduação de jornalismo da Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP) e na pós-graduação em estratégias de comunicação digital na Fundação Getúlio Vargas (FGV). Ela é autora dos livros *Quando me descobri negra* (2015), publicado pela editora SESI-SP e reeditado pela Fósforo em 2022, *Continuo preta: a vida de Sueli Carneiro* (2021), pela Companhia das Letras, *Arruda e guiné: resistência negra no Brasil contemporâneo* (2022), pela Fósforo; da *Diálogos feministas antirracistas (e nada fáceis) com as crianças* (2023), pela Camaleão. Bianca Santana também atua como colunista e colaboradora de jornais e revistas de circulação nacional.

A equipe da Revista Mundo Livre entrevistou Bianca Santana de modo assíncrono e síncrono durante o mês de novembro de 2023. Primeiro, a equipe preparou perguntas que foram enviadas a Bianca Santana que nos respondeu dentro de um prazo acordado. Em um segundo momento, a equipe Mundo Livre recebeu a entrevistada numa videoconferência, quando foi possível tirar dúvidas, complementar informações e conversar melhor sobre os diversos temas tocados na entrevista. O resultado foi uma conversa sobre ser escritora e o processo de escrita, os desafios da luta antirracista no Brasil, a sua atuação na Casa Sueli Carneiro e como a internet pode contribuir para fortalecer a perspectivas de pessoas negras.

A entrevista aborda a interseção entre escrita, feminismo negro e luta antirracista, destacando o poder da escrita como uma ferramenta para combater o racismo. Bianca enfatiza a necessidade de ampliar as vozes das mulheres negras na literatura e na sociedade, desafiando estereótipos e promovendo uma representação mais justa e inclusiva. A

entrevista oferece *insights* valiosos sobre como a escrita pode ser usada como uma ferramenta poderosa para promover a justiça social e o ativismo antirracista, destacando a urgência de criar espaços para vozes marginalizadas serem ouvidas e valorizadas.

Na apresentação do livro *Quando me descobri negra*, você se pergunta “Escrever um livro? De histórias, literatura? Isso é maravilhoso, mas é coisa de escritor, não é para mim!”. Poderia nos contar um pouco sobre o processo de reconhecer a si mesma como escritora, alguém que possui um estilo, uma própria proposta de escrita?

Eu, como tantas pessoas, tenho consolidada a imagem do escritor europeu do iluminismo: um homem branco, rico, de meia idade, com uma pena na mão em um escritório de madeira maciça com estantes imensas abarrotadas de livros. Compreender que esta imagem, como a única possível para um escritor é racista, misógina e excludente é muito importante, para que possamos nos apropriar da escrita, principalmente da escrita literária.

Ouvir das pessoas como eu escrevo me causou espanto, e de início foi desconfortável. No curso de jornalismo discutimos muito sobre linguagem, mas voltada a reportagem, e não a autoria. Na graduação, também fui editora discente e docente da *Revista Esquinas*, onde trabalhávamos muito os textos literários.

Porém, o processo de autoria só ocorreu após eu publicar o livro *Como me descobri negra* e perceber as pessoas muito incomodadas com o texto. O que as incomodavam não era um acaso. Para mim, não faz sentido escrever um texto que não seja acessível para o maior número possível de pessoas. Contar histórias, cuidando da escolha das palavras e do ritmo do texto, faz parte da minha vida desde que comecei a escrever. Nunca tive um apreço pela forma desconectada do conteúdo. Pelo contrário, eu queria escrever para convidar as pessoas a mudar o mundo. Na minha oficina de escrita, a proposta é trabalhar com as pessoas de forma que elas consigam perceber seus próprios estilos, mais até que buscar um novo. E eu sigo junto com eles neste aprendizado de perceber o meu próprio estilo.

No livro “Quando me descobri negra”, você nos conta experiências desde a infância até sua trajetória educacional sobre declarar-se negra, observando muitas situações de desigualdade e preconceito que passou durante a sua vida. Quais mulheres negras inspiraram você nesse processo de descoberta?

A maior parte das mulheres negras com quem eu convivi na infância, na adolescência e na juventude não tinha consciência racial. Ou ao menos não vocalizavam uma consciência racial. Então, aprendi com minha avó, minha mãe, minha tia, as vizinhas, professoras e amigas muitas das práticas que hoje compreendo como comuns entre mulheres negras, mas que não estavam assim nomeadas. E tive acesso à escrita de mulheres negras já adulta. A única autora negra que li na adolescência foi Carolina Maria de Jesus e me senti ofendida por ela ter publicado em livro histórias tão íntimas como as que eu ouvia em casa. Só adulta li Sueli Carneiro, Lélia Gonzalez, Conceição Evaristo, Neusa Santos Souza, Ana Maria Gonçalves, Cidinha da Silva e tantas mais mulheres negras que me apresentam mundos.

E hoje como é para você ser uma referência para outras pessoas que estão se descobrindo negras?

É um espanto. A noção eurocêntrica de autoria, de que aquilo que escrevi é meu e é resultado da minha intelectualidade, faz pouco sentido pra mim. Minha percepção é de que sou um corpo disponível, atento, alfabetizado, que sente prazer ao contar histórias pela escrita. Então, o que escrevo é meu, evidentemente, mas não é apenas meu. Quando alguém me diz que sou referência tenho vontade de perguntar se a pessoa também escreve e pedir para ler um texto dela. Sinto que ela está falando de mim, mas dela também, como espelho.

Suas obras vão desde conversas nada fáceis com crianças até uma biografia de uma das maiores intelectuais do Brasil. Com sua experiência, quais são os maiores desafios para a construção e desenvolvimento desses debates nas escolas, universidades e na sociedade em si, enfatizando os atravessamento dos efeitos do

racismo, assim como as dores, a reprodução das violências coloniais e a persistente ideia de que a pauta deve partir de mãos negras?

Não é tarefa para uma pessoa negra promover este debate. É um compromisso público coletivo, até pactuado como lei. Há 20 anos, a Lei 10.639/2003 determina que todas as instituições de ensino do país, da educação infantil à universidade, ensinem história e cultura afro-brasileira. Me parece que ainda não acessamos esse trauma colonial profundo, e com isso não conseguimos nos livrar dele, possibilitando que o racismo vá atualizando sua violência. No Brasil, por exemplo, tivemos inúmeros movimentos e lutas abolicionistas, porém não ficamos livres de fato após 1888, pois fomos jogados à própria sorte para passar fome, martirizados e mortos. Percebo que todos que vivenciaram esse contexto não o debateram o suficiente e nós que somos seus descendentes nascemos com uma série de “não ditos” e vamos reproduzindo esses lugares. Isso vale para quem descende de quem foi escravizado, assim como para quem descende de quem escravizou. E enquanto não olharmos, em coletivo, fica difícil não reproduzir, porque nós reproduzimos o racismo com ofensas no cotidiano, com a falta de acesso a políticas públicas, na própria política pública genocida do Estado brasileiro. A reprodução do racismo é cotidiana.

Mesmo que seja desafiador para pessoas negras e não negras tocarmos na ferida aberta do racismo, é fundamental que enfrentemos esse desafio para que iniciemos um processo de cura coletiva que permita interromper o genocídio negro e as tantas práticas discriminatórias e excludentes. Só encarando o racismo no nosso cotidiano e também nas estruturas das instituições onde pisam nossos pés e também naquelas macro, mais abstratas e aparentemente inalcançáveis, é que teremos chance de acabar com o racismo.

Os desafios, nesse sentido, são inúmeros. Construindo uma reflexão da minha atuação como indivíduo, busco: encarar dentro de mim ou nas minhas práticas cotidianas aquilo que não quero admitir, me indispor com pessoas do meu convívio que reproduzem ofensas raciais, ser a pessoa chata que estraga a brincadeira e explícita não-ditos

perversos, assumir posicionamento no ambiente de trabalho enfrentando os riscos de se posicionar no capitalismo, dedicar tempo e energia a ações solidárias e ativistas coletivas não remuneradas... E por aí vai. É muito custoso enfrentar o racismo e o colonialismo. Mas é necessário e está ao alcance de todos.

Um de seus últimos trabalhos foi o livro *Continuo preta: a vida de Sueli Carneiro* em que evidencia a vida de uma grande mulher como uma referência histórica do movimento negro. Como foi o processo de escrita desse livro? E qual é a importância de perpetuar a luta de mulheres gigantes como Sueli Carneiro na geração em que vivemos?

Complexa e uma delícia. Foi um extenso processo de apuração e pesquisa. Fui à cidade de origem da família Carneiro, fiz pesquisa em arquivos, realizei diversas entrevistas e consegui reunir um arquivo com mais de 600 páginas. Precisava transformá-lo em um livro, coerente e acessível. Primeiramente, pensamos em construir uma narrativa em primeira pessoa, porém, com a quantidade de informações coletadas em pesquisas e entrevistas, não faria sentido. Então, precisei reescrever a primeira versão em terceira pessoa, algo que muda bastante o texto original. Todo esse processo me fez perceber os meus limites, eu uma mulher mais jovem contando a história de uma grande referência do movimento negro, viva e extremamente ativa fazendo grande diferença no mundo. Acabei me deparando com fantasmas pessoais, mas fui escrevendo assim mesmo. Era um projeto muito importante, para que as pessoas pudessem conhecer a trajetória de luta da Sueli Carneiro e a história do movimento de mulheres negras no Brasil. Episódios como a Marcha de 95 eram importantes, mas eu não compreendia a razão de sua força, porque, na época, eu tinha onze anos de idade e não era algo que ouvia falar sobre.

Vejo hoje que nos falta repertório de luta. Há gerações de movimento negro que aprendem com os mais velhos e ensinam aos mais novos, para que não se parta do zero. Mas, pensando no tamanho da população negra brasileira, este é um grupo muito pequeno. Quando temos um caminho, como um livro, e conseguimos compreender os fatos,

é como se estivéssemos autorizados a seguir com a luta, sem inventar ou recomeçar tudo de novo. Nós temos um percurso coletivo e olhando para essa história, podemos nos apropriar das lições aprendidas para seguir em luta. Precisamos descobrir caminhos para que o movimento negro seja um movimento de massas no Brasil, e compartilhar histórias de vida que permitem disseminar estratégias de luta me parece uma contribuição necessária.

Então, mesmo com todos os desafios, essa bibliografia tinha esse objetivo. Focada nele, escrevia. E mesmo o livro não sendo a melhor bibliografia da Sueli que pode existir, foi o melhor livro que pude escrever. O importante era ter um livro para essa história ser acessada. Precisamos de muitas Suelis Carneiros no Brasil. Contar a história da Sueli se conecta à esperança de multiplicar Suelis.

Assim como contar sua história, a Casa Sueli Carneiro tornou-se um marco para o movimento negro. Como surgiu a instituição? E quais são as frentes atuais de trabalho?

Quando escrevi a bibliografia da Sueli, ela contou que sua casa estava fechada desde 2017. Ao visitar o imóvel, pude perceber que os muitos documentos e livros ainda estavam lá. Pedi permissão para pesquisá-los e, por conta desse estudo, passei a frequentar a casa. Questionei, então, sobre o que ela pretendia fazer com o espaço, se havia uma intenção de alugar o imóvel, o que para ela não seria tão simples, pois possuía assentamentos religiosos no local. Sugeri a transformação do espaço em um lugar de memória, uma Biblioteca ou Centro Cultural. Algo que era uma vontade dela, mas não havia sido posto em prática.

O projeto se iniciou em 2019 de forma muito orgânica, através de um patrocínio adquirido de um programa colombiano *Eixos de Narrativas*, ainda quando o projeto era apenas uma ideia, mas que possibilitou que saísse do papel. A partir dele, foi possível montar uma equipe para planejamento e elaboração do projeto Casa Sueli Carneiro. Organizamos uma associação de quatorze membros, captamos recursos e compramos

a casa da Sueli. Importante dizer que nosso objetivo não era tirar dela seu único bem, mas sim preservar a sua memória.

Hoje a Casa Sueli Carneiro é um espaço de memória, educação e ativismo negro. As primeiras atividades vêm sendo realizadas *online* e estamos trabalhando para abrir as portas em 2024. Atualmente, temos uma equipe de oito pessoas que trabalham em diferentes eixos: Educação popular; Incidência política; Memória; Residência artística; Comunicação e Narrativa.

Como escrever estando envolvida em tantas atividades?

Bom, eu fui mãe muito jovem. Engravei com 23. Meu primeiro filho Lucas nasceu eu tinha 24, o Pedro, eu tinha 26 e a Cecília, eu tinha 28. Eu percebo que virei mesmo feminista quando eu fui mãe, vendo quão gritante é a desigualdade no uso tempo. Para sobreviver a essa nova realidade, eu escrevia. Eu prestei mestrado grávida do Lucas, fui a um encontro da ANPEd em Caxambu (MG) quando o Pedro tinha oito dias e as pessoas ficaram um pouco chocadas. Na época, eu até escrevi um texto muito brava que dizia "*Eu posso sobreviver ao pós-parto?*" Tem gente que quer dormir o dia inteiro, tem quem queira ver as amigas, eu queria apresentar o meu texto em um encontro da ANPEd, em paz.

Para eu me manter sã e viva, eu escrevo. Eu só consigo fazer tanta coisa porque eu escrevo. Escrever me organiza, organiza a minha subjetividade, me faz sentir viva. Escrever me ajuda, inclusive, a organizar o meu tempo, a pensar sobre ele. Não escrever é como me ausentar de mim, eu começo a produzir menos em todas as áreas da minha vida...

Considerando que sua atuação acadêmica e política contribui muito os estudos da comunidade negra, quais horizontes você enxerga para a luta antirracista no Brasil?

Enxergo um acirramento e um tensionamento nas relações raciais. Temos cada vez mais pessoas com consciência racial dispostas a radicalizar o debate público. E também cada vez mais pessoas escancarando seu racismo sem pudor algum. O assassinato de pessoas

negras cresce no país e a denúncia do genocídio não tem sido suficiente para interrompê-lo. A violência cresce para onde a gente olha.

Infelizmente, não parece que estamos consolidando sociedades democráticas em que o diálogo nos ajuda a criar possibilidades de vida e de convívio entre os diferentes. Pelo contrário, o capitalismo vai produzindo cada vez mais desigualdades, com bilionários que fazem turismo no espaço e gente muito pobre considerada perigosa e indesejável. O neoliberalismo se aprofunda na promessa de salários de três dígitos para *influencers* e no individualismo heróico de se destacar como referência de qualquer coisa, até do ativismo. O patriarcado reina nas guerras, nas empresas, na política, nas relações familiares. E é nesse cenário de tensão, violência e desesperança que precisamos convencer as pessoas de que não há hierarquia entre seres humanos pela cor da pele, tipo de cabelo, características físicas ou origem familiar. Ou descobrimos caminhos realmente novos aos quais as pessoas se conectem, de valorizar a comunidade, de solidariedade, de parâmetros éticos de celebração das diferenças, ou não teremos chance.

Gostaríamos de ouvir um pouco o que você tem a dizer sobre produção de conteúdo digital. A partir da sua experiência nos ambientes virtuais, e como professora de Comunicação Digital, a construção de perfis nas redes sociais pode contribuir para fortalecer as perspectivas de pessoas negras?

Pode. Mas diante da atual dinâmica dos algoritmos está cada vez mais difícil. A proliferação de vozes negras no debate público da última década está diretamente ligada à internet e à liberação do pólo emissor de informação. Se antes era preciso ter uma gráfica, um canal de TV ou uma antena de rádio para falar com muita gente, a internet colocou a possibilidade de falar com muita gente a um custo muito baixo. Mas rapidamente o capitalismo foi se reinventando e as redes sociais e os comunicadores instantâneos, os chamados jardins murados, viraram a internet. Ainda assim, temos mais possibilidades de conhecer perspectivas negras hoje do que antes da internet comercial. Então sim,

a construção de perfis nas redes sociais pode contribuir para fortalecer as perspectivas negras.

A existência da Internet foi fundamental para a escrita de mulheres negras se tornar mais conhecida. Porém, com esses jardins murados, ficamos com a sensação de falar com diversas pessoas, o que não é verdade, além de sermos reféns de um algoritmo capaz de, na verdade, incitar/incentivar o conflito. Tenho tido uma percepção de que os debates das redes, principalmente os mais calorosos, nascem apenas por uma busca pelo engajamento. A própria dinâmica da métrica do engajamento nas redes me parece um estímulo à provocação, pois são esses os comentários que causam maior repercussão. Algo que vai acirrando os humores, polarizando as opiniões, dividindo ao invés de construir um comum.

A lógica do algoritmo busca maior tempo de tela, mostrando-nos apenas o que nos interessa. Se eu vejo algo que não é meu espelho, eu vou fechar aquela tela. Assim, perdemos a possibilidade de uma esfera pública a partir da comunicação, onde os diálogos aconteceriam entre muitas e diferentes pessoas. Hoje não vemos esse espaço nas redes, onde poderíamos ler, respeitar e refletir juntos, nas diferenças. Tem um livro do Paulo Freire que eu gosto muito, chamado *Educação e atualidade brasileira*, que fala que o Brasil não tem experiência democrática sólida, porque não temos experiência de diálogo. A nossa experiência, desde a colonização, é de violência, não da escuta e alcance de sínteses conjuntas. Antes das redes não tínhamos muitas vozes nessas sínteses. Um debate centrado entre um homem branco e rico de esquerda versus um homem branco rico de direita não é a produção de síntese das vozes brasileiras, pois muita gente ficava de fora. Como a gente interrompe esse ciclo? A gente precisa retornar a ambientes de conversa plural, voltar a ouvir quem é diferente, valorizar o convívio com a diferença. E eu não acho que as redes sociais estão nos ajudando nisso.

Uma curiosidade, o que a leitora Bianca Santana gosta de ler?

Ficção, cada vez mais.

Agradecemos a disponibilidade e a oportunidade de entrevistá-la. Foi um prazer tê-la conosco. Para encerrarmos, o que podem esperar seus leitores?

Estou trabalhando em um ensaio que costura história familiar, pesquisa em arquivo e reflexão teórica. Talvez eu tenha a ousadia de experimentar tópicos de ficção no meio do ensaio, explicitando o que é o que. Vejamos se consigo. Também estou esboçando um segundo livro infantil, também de não-ficção como o primeiro.

Referências

FREIRE, Paulo. **Educação e atualidade brasileira**. 3. ed. São Paulo: Cortez Editora; Instituto Paulo Freire, 2003.

SANTANA, Bianca. **Quando me descobri negra**. São Paulo: Fósforo, 2023.

SANTANA, Bianca. **Continuo preta: a vida de Sueli Carneiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

Sobre a entrevistada

Bianca Santana

Graduada em Jornalismo pela Faculdade Cásper Líbero. Mestre em Educação e doutora em Ciência da Informação pela Universidade de São Paulo (USP). Diretora executiva da Casa Sueli Carneiro, que compõe a Coalizão Negra por Direitos. Professora na Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP) e na Fundação Getúlio Vargas (FGV). É comentarista do Jornal da Cultura. É associada da Sempreviva Organização Feminista (SOF) e compõe os conselhos da Casa do Povo, da Oxfam Brasil e do Instituto Marielle Franco.

Email: biancasantana@gmail.com

Sobre os entrevistadores

Thulio Pereira Dias Gomes

Graduado em Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Mestre em Ciência da Informação pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT). Doutor em Ciência da Informação pela Universidade de São Paulo (USP). É bibliotecário e professor na Universidade Federal Fluminense (UFF) e atua na Coordenação de Bibliotecas (CBI), no Departamento de Ciência da Informação (GCI) e na Revista Mundo Livre.

E-mail: thuliogomes@id.uff.br

Amanda dos Santos Coutinho

Graduada em Biblioteconomia e Documentação pelo Instituto de Comunicação e Arte (IACS) da Universidade Federal Fluminense (UFF) em Niterói. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UFF. É integrante da equipe editorial da Revista Mundo Livre. Tem interesse em comunicação científica e organização do conhecimento.

Email: amcoutinho@id.uff.br

Bruna da Silva Pereira

Estudante de Psicologia no Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional (ESR) da Universidade Federal Fluminense (UFF) em Campos dos Goytacazes. É integrante da equipe editorial da Revista Mundo Livre e do projeto de pesquisa *Políticas públicas, direito à cidade e processos migratórios contemporâneos – a população em situação de rua em questão em Campos dos Goytacazes (RJ)*. Tem interesse em psicologia clínica e psicologia social.

Email: brunapereira@id.uff.br

Eduardo Florentino Abreu

Estudante de Biblioteconomia e Documentação pelo Instituto de Comunicação e Arte (IACS) da Universidade Federal Fluminense (UFF) em Niterói. É integrante da equipe editorial da Revista Mundo Livre e escritor independente. Tem interesse em organização do conhecimento, arte e cultura geral, com ênfase em literatura.

Email: effabreu@id.uff.br

Pâmela Miranda Santos

Estudante de Psicologia no Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional (ESR) da Universidade Federal Fluminense (UFF) em Campos dos Goytacazes. É integrante da equipe editorial da Revista Mundo Livre. Tem interesse em Gestão de Pessoas, consolidando sua atuação profissional na área por meio do engajamento em pesquisas e projetos acadêmicos relacionados à Psicologia Organizacional e do Trabalho.

Email: pamelamirandasantos@id.uff.br

Verônica Paulino

Estudante de Serviço Social no Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional (ESR) da Universidade Federal Fluminense (UFF) em Campos dos Goytacazes. É integrante da equipe editorial da Revista Mundo Livre. Integrante do projeto de extensão *A Agenda Antirracista: Descortinando racismo em Campos dos Goytacazes*. Tem interesse em estudos raciais, políticas sociais, políticas públicas, estudos econômicos e sociológicos.

Email: vp@id.uff.br

Histórico

Recebido em: 09/11/2023. Aprovado em: 28/02/2024. Publicado em: 10/05/2024.